

## O ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA PARA ALUNOS CEGOS E COM BAIXA-VISÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Bárbara Campos Gines Lorena de Souza Gomes<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relatar uma experiência no ensino de Língua Espanhola na escola regular com alunos cegos e de baixa visão, bem como averiguar as atividades lúdicas que são organizadas no espaço escolar inclusivo e se estas propiciam a interação entre crianças cegas e com baixa-visão. Para tanto, foi realizada uma oficina com os alunos do Instituto Padre Miguelinho/RN na qual os alunos participavam. O principal objetivo era além de observar a interação entre os alunos, a partir da atividade lúdica, ensiná-los uma segunda língua (espanhol) utilizando seus materiais escolares. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e de campo, sendo aplicado em alunos cegos e com baixa visão no Instituto Padre Miguelinho/RN, principalmente no que tange ao alcance dos objetivos que deverão ser alcançados. A partir da nossa experiência e do relato dos alunos cegos e com baixa-visão, percebemos uma carência de métodos lúdicos aplicado para esse público, principalmente, quando se trata do ensino em escolas estaduais.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva. Alunos cegos e com baixa-visão. Língua Espanhola.

### INTRODUÇÃO

No presente trabalho, além de encontrarmos uma nova prática lúdica pedagógica como instrumento de melhorar o aprendizado de alunos cegos e de baixa visão, será feita uma análise da aprendizagem dos alunos a partir dessa prática para saber se esta propicia a interação entre os alunos. O principal objetivo deste artigo é relatar a experiência em sala de aula com educandos cegos e de baixa visão, a fim de compartilhar novas vivências em sala de aula utilizando de novos recursos didáticos que possibilitem os alunos a aprenderem. Primeiramente, o trabalho procura fazer um breve percurso histórico acerca da inclusão escolar dos alunos deficientes visuais no ensino regular no Brasil. No segundo momento, apresentamos como se dá a aquisição de uma segunda língua (L2) para pessoas cegas, nos apoiando em fundamentações teóricas. Logo após concluímos relatando como se deu o

---

<sup>1</sup> Professora do Curso de Letras Espanhol – IFRN/UAB, ginesbarbara@hotmail.com

ensino, quais foram as contribuições da prática lúdica no ensino da Língua Espanhola com alunos do Instituto Padre Miguelinho/RN cujo objetivo é apresentar a importância da inclusão com ludicidade.

Analisando as perspectivas de Piaget e Vygotsky, podemos salientar que a ludicidade tem um grande papel no desenvolvimento cognitivo e social da criança. Enquanto as crianças brincam, elas se desenvolvem e se socializam. Descobrimos assim o seu verdadeiro papel na sociedade através do brinquedo, favorecendo também a aprendizagem da leitura e da escrita. Para esses estudiosos, as relações entre desenvolvimento e aprendizagem, resgatam a importância dos jogos e brincadeiras na formação da inteligência, tendo como papel do educador, articular esses processos na sala de aula, orientando, mediando e propondo desafios às crianças, proporcionando sempre o aguçar da curiosidade, criatividade e instigando a discussão, bem como o raciocínio das crianças.

Na Educação especial, devemos propiciar uma forma mais profunda de se trabalhar com o aluno. Levar em consideração as necessidades específicas, privilegiando-se a “escuta” do que realmente está acontecendo naquele momento. Isso porque o sistema simbólico e imaginário do aluno é único, nunca generalizando as situações (MAGALHÃES, 2008). Para tal afirmação, julgamos de extrema relevância essa pesquisa, pois entendemos que o aprimoramento de novas atividades lúdicas possa contribuir ainda mais com o ensino/aprendizagem de alunos cegos e de baixa-visão na sala de aula de língua espanhola, pois os professores de línguas não podem estar alheios a esta realidade.

A inclusão tem um papel primordial, pois o educando deverá aplicar em sua atuação na sala de aula, atividades que supram as necessidades de todos. Para isso, é preciso saber quais atividades são consideradas lúdicas e pedagógicas.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho tem o escopo de relatar uma experiência vivida em sala de aula com alunos cegos e com baixa visão, no ensino de espanhol. Além de compartilhar o método utilizado a fim de facilitar o ensino/aprendizagem de LE (espanhol) de alunos cegos num contexto de inclusão, através de atividade lúdica e oficina. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e de campo, sendo aplicado em alunos cegos e com baixa visão no Instituto Padre Miguelinho/RN, principalmente no que tange ao alcance dos objetivos que deverão ser alcançados.

O principal objetivo era além de observar a interação entre os alunos, a partir da

atividade lúdica, ensiná-los uma segunda língua (espanhol) utilizando seus materiais escolares.

## **1. A INCLUSÃO ESCOLAR DE ESTUDANTES CEGOS EM ESCOLAS REGULARES**

A sociedade contemporânea vem sendo instigada a se reestruturar e a garantir a todas as pessoas, inclusive àquelas com deficiência visual – cegas ou com baixa visão, o acesso e à permanência, com qualidade, na sociedade e, em particular, nos sistemas de ensino regular, nos diferentes níveis de ensino. Analisando o período histórico da educação inclusiva no Brasil, nos séculos XVII e XVIII, é possível notar que se evidenciam teorias e práticas sociais de discriminação, promovendo infinitas situações de exclusão. Em meados do século XIX encontra-se a fase de institucionalização especializada: aqueles indivíduos que apresentavam deficiência eram segregados nas residências, proporcionando uma “educação” fora das escolas, “protegendo” o deficiente da sociedade, sem que esta tivesse que suportar o seu contato. A partir do século XX, gradativamente, alguns cidadãos começam a valorizar o público deficiente e emerge a nível mundial através de movimentos sociais de luta contra a discriminação em defesa de uma sociedade inclusiva.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/96) estabelece o direito de todos a educação, sendo o dever do Estado e da família promovê-la, conforme enfatiza o Art. 2º sobre os princípios da educação nacional:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

De acordado à lei, a educação especial é uma modalidade de educação escolar oferecida na rede regular de ensino, explicitando em seus parágrafos uma verdadeira edificação inclusiva.

Para SASSAKI (1997, p. 41) inclusão é:

Um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir em seus sistemas sociais gerais pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. (...) Incluir é trocar, entender, respeitar, valorizar, lutar contra exclusão, transpor barreiras que a sociedade criou para as pessoas. É oferecer o desenvolvimento da autonomia, por meio da colaboração de pensamentos e formulação de juízo de valor, de modo a poder

decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida.

Diante da efervescência do movimento mundial pela Educação Inclusiva, deflagrado na década de 1990, decorreram mudanças na conjuntura educacional para contemplar o alunado com “[...] distúrbios ou dificuldades de aprendizagem e/ou aqueles que precisam de processos de ensino-aprendizagem diferenciados por apresentarem deficiências ou demais necessidades educacionais especiais” (GLAT, BLANCO, 2009, p.31), com vistas a garantir-lhe o direito a uma educação comum a todos. Nesse sentido, a Constituição Estadual do RN (1989) já tinha buscado garantir, no Art. 138 – III, o “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”, em conformidade com a Constituição Federal de 1988, Capítulo III, artigos 205, 206 e 208, e com o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA 8, que dispõe em seu Art. 3º, que

[...] a criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhes por lei, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.” (BRASIL, 2004, pág. 18-19).

O Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos do Rio Grande do Norte, situado à Rua Fonseca e Silva, 1113, no bairro do Alecrim, Natal, foi fundado em 16 de julho de 1952 por Dr. Ricardo César Paes Barreto. Conhecido pela sigla IERC-RN, apresentando uma área total de 2.046 m<sup>2</sup>, sendo 961 m<sup>2</sup> de área construída, é uma sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos, reconhecida de utilidade pública municipal e estadual com registro no Conselho Nacional de Assistência Social.

A finalidade principal da entidade é promover a habilitação, reabilitação e educação das pessoas cegas ou com deficiências visuais graves, proporcionando oportunidades para o seu pleno desenvolvimento, bem como a sua integração ou reintegração à sociedade, permitindo maior independência e autonomia.

Figura 1 - IERC (Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos do RN).



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

## 1.1 A AQUISIÇÃO DA SEGUNDA LÍNGUA

O processo de aprender é muito complexo, pois envolve diversos fatores tais como sociais, econômicos, políticos, entre outros. Embora seja possível teorizar sobre a existência de alguns padrões gerais de aquisição, cada pessoa tem suas próprias características individuais, sendo impossível descrever todas as possibilidades desse fenômeno. Há variações, biológicas, de aptidão, atitude, idade, fatores afetivos/motivação, além das variações de contexto onde ocorrem os processos de aprendizagem: quantidade e qualidade de input disponível, cultura e etc.

Uma das questões mais relevantes nesse trabalho é a importância do processo de aquisição de uma L2. Há diversas teorias sobre o assunto, mas a questão da importância da aquisição é um fator comum entre todas elas. De acordo com KRASHEN (1985), a aquisição é responsável pela fluência na L2 e a aprendizagem (conhecimento formal) pode ser utilizada para corrigir construções feitas pelo aprendiz; com isso ele pontua em suas pesquisas a superioridade da aquisição sobre o aprendizado, no processo de ensino de L2. O processo de aprendizagem tem um papel importante à medida que pode ser usado pelo aprendiz como uma ferramenta que o possibilita a ter conhecimento das estruturas linguísticas e saber como utilizá-las corretamente. Como afirma Krashen, citado por Schütz (2006) “Aquisição requer interação significativa, na língua alvo – comunicação natural – onde os falantes estão cientes não apenas da forma de suas interações, mas também da mensagem que eles estão transmitindo e entendendo”.

## 2. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O principal objetivo era além de observar a interação entre os alunos a partir da atividade lúdica, ensiná-los uma segunda língua (espanhol) utilizando seus materiais escolares. Para isso, foram usados os recursos tátil e da áudio-descrição<sup>2</sup> para que ficasse bem claro tudo que estava acontecendo no ambiente interno da sala de aula. A atividade durou aproximadamente 50 minutos.

Segundo MOTA (2008) a áudio-descrição é um recurso de acessibilidade que permite que as pessoas com deficiência visual possam assistir e entender melhor filmes, peças de teatro, programas de TV, exposições, mostras, musicais, óperas e outros, ouvindo o que pode ser visto. É a arte de transformar aquilo que é visto no que é ouvido, o que abre muitas janelas para o mundo para as pessoas com deficiência visual. “Com este recurso, é possível conhecer cenários, figurinos, expressões faciais, linguagem corporal, entrada e saída de personagens de cena, bem como outros tipos de ação, utilizados em televisão, cinema, teatro, museus e exposições”.

No Instituto Padre Miguelinho a qual aplicamos os métodos verificamos que estudam quatro alunos entre cegos e com baixa visão, porém no período da pesquisa estavam presentes apenas dois alunos. Preservaremos o nome desses estudantes, pois não julgamos como necessária a identificação.

Figura 2- Instituto Padre Miguelinho/RN.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

---

<sup>2</sup> Arte de transformar aquilo que é visto no que é ouvido, o que abre muitas janelas para o mundo para as pessoas com deficiência visual. Com este recurso, é possível conhecer cenários, figurinos, expressões faciais, linguagem corporal, entrada e saída de personagens de cena, bem como outros tipos de ação, utilizados em televisão, cinema, teatro, museus e exposições. (MOTA, 2008, apud LIMA, LIMA e VIEIRA, 2010, p.12).

O Instituto Padre Miguelinho é uma escola da rede Estadual de ensino do Rio Grande do Norte. Localizada na Rua Fonseca e Silva no centro da cidade do Natal, no bairro do Alecrim, onde conta com alunos do ensino médio em três turnos diários: Matutino, Vespertino e Noturno. Hoje a escola é considerada uma instituição de caráter inclusivo, pelo fato de receber alunos com deficiências.

A aplicação foi realizada por dois alunos de Letras em espanhol do IFRN em um aluno cego e outro com baixa-visão. O método foi via oficina lúdica a qual os alunos seriam introduzidos ao estudo do espanhol. A primeira abordagem foi realizada a partir de questionamentos acerca do ensino do idioma na escola regular, como também uma verificação dessa aprendizagem.

Figura 3 – Abordagem e verificação.



Fonte: Elaboração pelo próprio autor.

Após a verificação e abordagem iniciou-se a oficina com os dois alunos para aprendizagem de espanhol. Propriamente usamos recursos táteis, quando ao colocar na mão dos alunos os materiais escolares e pronunciando em espanhol cada objeto. Pois segundo Ochaita e Rosa (1995), que apresentam o sistema háptico ou tato ativo como o sistema sensorial mais importante para o conhecimento do mundo pela pessoa cega.

Figura 4 – Aluno cego tateando os objetos.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 5 - Aluno de baixa-visão tateando os objetos.



Fonte: Elaboração própria.

Para endossamento da oficina também foi utilizado o recurso didático da áudio-descrição, já explicado anteriormente. O recurso foi utilizado para a melhoria da compreensão dos alunos no ensino dos materiais escolares em espanhol. Ao longo da explicação um dos aplicadores do método, aluno do IFRN-CNAT, foi descrevendo oralmente obedecendo as características particulares dessa faixa narrativa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme apontado na introdução, este trabalho visou além de relatar uma experiência como ensino inclusivo de língua espanhola para alunos cegos e com baixa-visão do Instituto Padre Miguelinho/RN, mostrar que a educação inclusiva é um processo em pleno desenvolvimento, sujeitando de reflexões e especialmente ações concretas para alcançar a práticas eficientes. Entretanto, é inegável o avanço da educação inclusiva historicamente.

Contudo, percebemos que existem lacunas no ensino de espanhol para deficientes visuais, quanto aos métodos utilizados em sala de aula regular, além da qualificação dos educadores. Nos relatos dos alunos cegos e com baixa-visão percebemos uma carência de métodos lúdicos aplicado para esse público, principalmente, quando se trata do ensino em escolas estaduais.

As políticas públicas deverão firmemente atender os alunos com essas necessidades educacionais especiais, seria então a oportunidade dos governantes holisticamente realizem ampliações para cessar tais carências. Via de regra, a educação especial não está sendo obedecida de acordo com os parâmetros educacionais.

A iniciativa foi bem aceita pelos alunos, pois os métodos aplicados apresentaram-se exitosos, pois o ensino do espanhol desperta interesse nos alunos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <[http://www.dji.com.br/constituicao\\_federal/cf205a214.htm](http://www.dji.com.br/constituicao_federal/cf205a214.htm)>. Acesso em 25/08/2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Dados estatísticos da educação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/txt/brasil.txt>> Acesso em: 08 de set. 2014.

IERC – Instituto de Educação e Reabilitação de cegos do RN. **Histórico e Apresentação**. Disponível em: <<http://iercrn.blogspot.com.br/2010/11/o-instituto-de-educacao-e-reabilitacao.html>> Acesso em: 08 de set. 2014.

KRASHEN, S. D. **The input hypothesis: issues and implications**. London: Longman, 1985.

LIMA, Francisco José. **Introdução aos Estudos do Roteiro para Áudio-descrição: sugestões para a construção de um script anotado**. Revista Brasileira de Tradução Visual (RBTV) 2011. Disponível em <<http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/>> Acesso: 25 ago. 2014.

LIMA, Francisco José; LIMA, Rosângela A. Ferreira. **Lições Basilares para a formação do Áudio-descritivo empoderativo**. Revista Brasileira de Tradução Visua(RBTV) 2011. Disponível em <<http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/>> Acesso: 28 abr.2010.

OCHAITA, E. & ROSA, A. **Percepção, ação e conhecimento nas crianças cegas**. Em C. Coll, J. Palácios & A. Marchesi (Orgs.), Desenvolvimento Psicológico e Educação. (M. A. G. Domingues, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 183-197.

PIAGET, J. **A psicologia da criança**. Ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

SCHÜTZ, Ricardo. **“Assimilação natural x ensino formal”** English Made in Brasil. <<http://www.sk.com.br/sk-laxll.html>> Online. 15 novembro 2006.

SILVA, Joiran M. **Trajetória da Educação Especial no RN: da integração à inclusão**. In: Ensaio pedagógicos: Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade. Brasília: MEC, 2007.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, 1994.